

THEATRO SÃO PEDRO

Desde o período colonial, os governantes e a população da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul desejavam a construção um teatro que abrigasse as diferentes manifestações culturais.

Manoel Antônio Galvão, Presidente da Província em 1833, emitira uma carta de título de doação de um terreno no centro de Porto Alegre para o início das obras do Theatro São Pedro, com o projeto arquitetônico de estilo neoclássico de Filipe de Normann. Contudo, em 1835 eclodiu a Revolução Farroupilha e a obra foi suspensa. A revolução encerrou em 1845 e dois anos depois a construção foi retomada, após a concessão de empréstimo dos cofres provinciais.

Polêmicas e falta de recursos seguiram-se ao longo das obras por anos. Finalmente, dia 27 de junho de 1858 o prédio foi inaugurado sob a presidência de Ângelo Moniz da Silveira Ferraz, o Barão de Uruguaiana. Na ocasião, representou-se o drama “Recordações da Mocidade”. Já em 1862 o Theatro São Pedro tornou-se definitivamente patrimônio público.

O Theatro São Pedro e a vida cultural da cidade sempre sofreram influências da política local. Os conflitos que se estenderam também prejudicavam a vida teatral. Durante a Revolução Federalista, de 1893 a 1895, viveu-se um imenso vazio na programação artística. O palco do TSP ficou praticamente deserto. Mesmo depois do conflito, o público permanecia escondido em suas casas, embora os grêmios voltassem a se apresentar, a plateia não comparecia.

A vida cultural da cidade foi reerguendo-se aos poucos. A curiosidade é que além de teatro, música, e dança, em 1901 ocorreu a primeira exibição de uma película de cinema de Porto Alegre, no TSP. As exibições tornaram-se frequentes até 1908, com o surgimento do Recreio Ideal.

Após crescentes e efervescentes temporadas de companhias estrangeiras, eclode mais um conflito: a I Guerra Mundial. Entre 1914 e 1918, a quantidade e a qualidade das peças no TSP foram consideradas de baixo conteúdo cultural, mesmo porque muitas das associações teatrais da cidade deixaram de existir, ou se apresentavam em palcos menores.

Em 18 de outubro de 1930, com a revolução, a política volta a influenciar a programação do Theatro São Pedro, com um espetáculo patrocinado por Darcy Sarmiento Vargas, esposa de Getúlio Vargas, em benefício da assistência aos soldados engajados na marcha em direção a São Paulo e ao Rio de Janeiro.

O TSP continuou sendo palco político em 1934 recebendo o Congresso do Partido Republicano Liberal (PRL), congregando elementos dos antigos PRR e PL que antes da Revolução de 1930 e da Frente Única Rio-Grandense, eram inimigos políticos. A realização deste evento foi o marco na redemocratização do Brasil após a Revolução Constitucional de 1932.

Como influência direta nas produções artísticas, a ditadura que se estendeu de 1937 a 1945, implantada no Brasil pelo Estado Novo, censurava as chanchadas, gênero de humor ingênuo de caráter popular, comuns no Brasil entre 1930 e 1960. Com isso, as produções tinham que se adequar ao sistema exigido e as chanchadas no teatro sofreram uma grande decadência, o que possibilitou o florescimento de outros gêneros.

Durante a Segunda Guerra Mundial, registrou-se em 1942, pelo diretor do TSP, Dante Barone, a ocupação da Cruz Vermelha Brasileira, que ministrou quarenta aulas de enfermagem nas dependências da instituição, como preparação para a defesa passiva e antiaérea.

Aos poucos o teatro foi se profissionalizando na cidade, a exemplo da fundação do Teatro do Estudante do Rio Grande do Sul, em 1941. Já o ano de 1950 marca a fundação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), a segunda mais antiga do país, em atividade até hoje.

Nos anos de 1950, o TSP passou por uma reforma. Recobriram-se os elegantes gradis de ferro dos camarotes com gesso, pinturas nas paredes e uma importante curiosidade, em julho de 1957, inaugurou-se a sede provisória do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) no *foyer*, permanecendo lá até 1973.

O regime militar iniciado em abril de 1964 também interferiu na programação do TSP com a realização da última das grandes convenções partidárias que marcaram a história da política gaúcha. A ARENA (partido do governo) recém-criada escolheu seu candidato às eleições indiretas para o Governo do Estado no teatro, em 2 de julho de 1966.

Nesta mesma época, a cultura da cidade e a temporada de música erudita teve uma apreciável programação, sobretudo com a vinda de Eva Sopher para a direção da Pró Arte do Estado. Com isso, o Theatro São Pedro esteve em ritmo acelerado de apresentações, contrapondo a manutenção da Casa, que era praticamente zero. Os cupins estavam por toda a parte e o apodrecimento da estrutura do TSP era preocupante. Em 1973, o espaço foi fechado devido às precárias condições de segurança e mau estado de conservação.

O jornalista Paulo Amorim assumiu o Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria da Educação do Estado, em 1975, e pediu para que Eva Sopher assumisse a coordenação das obras de recuperação da casa. Como se sabia, não era apenas uma reforma, o prédio necessitava de uma reconstrução, que nem todos do governo eram favoráveis, pois achavam inconcebível investir recursos públicos em um velho casarão em ruínas.

Sob orientação do arquiteto Carlos Antônio Mancuso, todo o miolo do teatro foi retirado. Por anos, restaram apenas as velhas paredes entre os andaimes. Preencheram-se esses vazios aos poucos, à medida que chegavam os recursos, resgatando-se a volumetria e a notável acústica original. Vigas de aço substituíram a de madeira e instalações hidráulicas e elétricas foram inteiramente refeitas. As escadas laterais, originalmente destinadas aos escravos que atendiam seus senhores acomodados nos camarotes, deram lugar a modernas instalações sanitárias. Os gradis foram recuperados e as portas refeitas a partir de seis exemplares remanescentes. A partir de um fragmento de veludo francês, escolheu-se um veludo idêntico para as poltronas.

O lustre foi inteiramente recriado pelo arquiteto, inspirado no original com 68 mangas de cristais. A luminária original possuía um dispositivo para evitar que a cera das velas caísse sobre o público. Tanto cuidado não evitou que o lustre sumisse por um bom tempo, sendo localizado a muito custo na Igreja Matriz de Rio Pardo (RS), sem grande parte dos pingentes de cristal. O lustre atual foi confeccionado na Capital gaúcha, com mais de 30 mil peças de cristal nacional e oriundas da Boêmia. Concluído, ficou com quase 4 metros de comprimento e pesando cerca de 600 quilos, ganhando um mecanismo para subir e descer, possibilitando a limpeza e troca das lâmpadas. A pintura do

forro, com motivos da flora e da fauna gauchesca, foi elaborada por Léo Dexheimer, Plínio Bernhardt, Danúbio Gonçalves e Carlos Mancuso.

Os porões do Theatro São Pedro escondem labirintos e paredes originais do teatro, que chegavam a medir 2,5 metros de largura e eram encarregadas de sustentar todo o prédio. Ainda podem-se encontrar trechos destas paredes no Memorial do Theatro São Pedro, que usavam uma argamassa bem peculiar: uma mistura de estrume, cal, leite e areia. Com a reconstrução, aumentou-se a área útil do teatro em cerca de 1.900 metros quadrados.

Em 1982 o Theatro São Pedro transformou-se em fundação, possibilitando a arrecadação de empresas privadas para o desenvolvimento das obras e finalização do projeto. Com a criação da Fundação Theatro São Pedro, em 18 de março de 1982, Dona Eva (como é conhecida) foi nomeada pelo Governador do Estado, como a Presidente da FTSP.

Dia 28 de junho de 1984, Porto Alegre celebrou com grande festa a reabertura do TSP, com a presença de célebres artistas, jornalistas, políticos e personalidades ligadas à cultura brasileira. O discurso de Eva Sopher abriu a cerimônia, seguido da execução do Hino Nacional Brasileiro pela OSPA, regida pelo maestro Eleazar de Carvalho. Logo após, o maestro Radamés Gnatalli apresentou uma composição própria, *Sinfonia Popular n°1*. Fechando a noite, o grupo gaúcho Cem Modos, encenou o espetáculo *O Julgamento do Cupim*.

A temporada do Theatro São Pedro teve sequência com a histórica apresentação de Bibi Ferreira em *Piaf*, com 41 sessões, todas com ingressos esgotados. Estava novamente o TSP recolocado no roteiro cultural de Porto Alegre.

Preocupados em manter vivo todo o trabalho após a reconstrução, criou-se em 1985 uma associação para administrar e auxiliar o estado com a manutenção e preservação da Fundação Theatro São Pedro: a **Associação Amigos do Theatro São Pedro (AATSP)**.

Em março de 1991, sob a liderança da Cia. de Ópera Seca (de Gerald Thomas) e da atriz Bete Coelho, com o apoio da comunidade artística, centenas de pessoas participaram de uma manifestação em defesa da permanência de Eva Sopher como presidente da casa, que corria o risco de ser afastada do cargo pelo então governo. Admiradores de Dona Eva,

representando diferentes áreas da cultura, gritavam “fica, Dona Eva, fica”. A presidente da Fundação Theatro São Pedro abanava da sacada do prédio, que ostentava uma tarja preta na fachada. Os manifestantes deram-se as mãos, formando uma corrente ao redor do teatro e após a manifestação, a responsável pela reconstrução do TSP permaneceu à frente da instituição.

Além da continuidade de Eva Sopher na presidência da Fundação, permaneceram importantes valores que foram sendo construídos, como uma programação artística plural e de qualidade. Mantém-se ainda o carinho e o respeito por cada profissional que trabalha arduamente na missão de fazer teatro no país.

REFERÊNCIA:

DAMASCENO, Athos (org) & CARO, Herbert; CESAR, Guilhermino & MORITZ, Paulo Antônio. **O Theatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SESC, 1975.

AXT, Gunter. O nosso Theatro: itinerários de um espetáculo sesquicentenário. In: **Theatro São Pedro: 150 anos**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.